

Alexandre Dumas

O Conde de Monte-Cristo

Título original: Le Comte de Monte-Cristo

Tradução de Adelino dos Santos Rodrigues

Tradução Portuguesa de P.E.A., de 1999

Capa: estúdios P.E.A

Direitos reservados por Publicações Europa-América. Ltda.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida na presente forma ou por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos

ou passagens para apresentação ou crítica do livro.

Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo

extensiva a transcrição de textos em recolhas antológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra.

Os

transgressores são passíveis de procedimento judicial.

Editor: Francisco Lyon de Castro

Publicações Europa-América, Ltda,
Apartado 8
2726-901 mem martins
portugal

Edição n.o: 151051/7183

Abril de 1999

Execução técnica:
Gráfica Europam, Ltda.
Mira-Sintra - Mem Martins

Dep. legal n.o 136659/99

O Conde de Monte-cristo

Um romance do Destino. Vítima e vingador, Edmond Dantès, o personagem central, encarna ele próprio, o destino.

A história de um homem bom a quem roubam a liberdade e o amor. No cativo trava amizade com o abade Faria, que lhe oferece ajuda para a fuga.

Um homem que regressará coberto de riquezas, vingador impiedoso, para além de toda a lei humana ou divina.

Capítulo I

Marselha. - A Chegada

Em 24 de Fevereiro de 1815, o vigia de Nossa Senhora da Guarda assinalou o três mastros Pharaon, vindo de Esmirna, Trieste e Nápoles.

Como de costume, um piloto costeiro largou imediatamente do porto, passou rente ao Castelo de If e abordou o navio entre o cabo de Morgion e a ilha de Rion.

Também como de costume, a plataforma do Forte de S. João encheu-se imediatamente de curiosos. Porque em Marselha a chegada de um navio era sempre um grande acontecimento, sobretudo quando esse navio, como no caso do Pharaon, fora construído, aparelhado e estivado nos estaleiros da velha Phocéé e pertencia a um armador da cidade.

Entretanto, o navio aproximava-se. Transpusera sem dificuldade o estreito que alguma erupção vulcânica abrira entre a ilha de Calasareigne e a ilha de Jaros, deixara para trás Pomègue e avançava com os seus três mastros, a sua bojarrona e a sua bergantina, mas tão devagar e com um ar tão triste que os curiosos, com esse instinto que pressente a desgraça, perguntavam a si mesmos que acidente teria acontecido a bordo. No entanto, os entendidos em navegação reconheciam que, se houvera algum acidente, não se dera com o próprio navio, pois este aproximava-se com todas as condições de um navio perfeitamente governado, a âncora prestes a ser largada e os cabos gurupés soltos; e junto do piloto, que se preparava para dirigir o Pharaon através da entrada estreita do porto de Marselha, encontrava-se um jovem desembaraçado e de olhar atento, que vigiava cada movimento do navio e repetia cada ordem do piloto.

A vaga inquietação que pairava sobre a multidão atingira especialmente um dos espectadores da esplanada de S. João, e

de

tal modo que não lhe permitiu esperar a entrada do navio no porto. Saltou para um barquito e mandou remar ao encontro do Pharaon, que alcançou defronte da enseada da Réserve.

Ao ver aproximar-se aquele homem, o jovem marinheiro deixou o seu lugar ao pé do piloto e, de chapéu na mão, encostou-se à amurada do navio.

Era um rapaz de dezoito a vinte anos, alto, esbelto, de belos olhos negros e cabelo cor de ébano. Havia em toda a sua pessoa esse ar calmo e resoluto característico dos homens habituados desde a infância a enfrentar o perigo.

- Ah, é você, Dantès! - gritou o homem do barco. - Que aconteceu, a que se deve esse ar de tristeza que paira a bordo?

- Uma grande desgraça, Sr. Morrel! - respondeu o jovem.
- Uma grande desgraça, sobretudo para mim. Por alturas de Civita-Vecchia perdemos o nosso querido comandante Leclère.

- E a carga? - perguntou vivamente o armador?

- Chegou a bom porto, Sr. Morrel, e creio que a esse respeito ficará contente; mas o pobre comandante Leclère...

- Que lhe aconteceu? - perguntou o armador com ar visivelmente aliviado. - Que aconteceu a esse digno comandante?

- Morreu.

- Caiu ao mar?

- Não, senhor. Morreu de febre cerebral, no meio de horríveis sofrimentos.

Depois, virando-se para os seus homens:

- Olá, eh! - gritou. - Todos a postos para a ancoragem!

A tripulação obedeceu. Acto contínuo, os oito ou dez marinheiros que a compunham correram uns para as escotas, outros para os braços, outros para as adriças, outros para os cutelos e finalmente outros para as carregadeiras das velas.

O jovem marinheiro deitou um olhar breve ao começo da manobra e, vendo que as suas ordens estavam a ser executadas, tornou a virar-se para o seu interlocutor.

- E como aconteceu essa desgraça? - continuou o armador, retomando o diálogo no ponto em que o jovem marinheiro o

deixara.

- Meu Deus, senhor, da forma mais imprevista! Depois de uma longa conversa com o comandante do porto, o comandante Leclère deixou Nápoles muito agitado; passadas vinte e quatro horas a febre atacou-o; três dias depois estava morto... Fizemos-lhe o funeral do costume e repousa, decentemente embrulhado no pano de uma maca, com um pelouro de trinta e seis aos pés e outro à cabeça, por alturas da ilha de El Giglio. Trazemos, para entregar à viúva, a sua Cruz de Honra e a sua espada. Valia bem a pena - continuou o jovem, - com um sorriso melancólico - andar dez anos a guerrear os Ingleses para no fim morrer na cama como toda a gente.

- Pois sim, mas que quer, Sr. Edmond - prosseguiu o armador, que parecia cada vez mais conformado -, somos todos mortais e é preciso que os mais velhos dêem lugar aos novos. Sem isso não haveria progresso; e uma vez que me garante que a carga...

- ...está em bom estado, Sr. Morrel, asseguro-lhe. Aconselho-o a não negociar esta viagem com menos de 25.000 francos de lucro.

Depois, como acabassem de ultrapassar a torre redonda:

- Preparar para colher as velas da gávea, o cutelo e a bergantina! - gritou o jovem marinheiro. - Vamos!

A ordem foi executada quase com tanta rapidez como num navio de guerra.

- Amainar e colher tudo!

à última ordem todas as velas desceram e o navio avançou quase insensivelmente, impelido apenas pelo impulso que trazia.

- E agora se quiser subir, Sr. Morrel - disse Dantès ao ver a impaciência do armador -, aqui tem o seu guarda-livros, Sr. Danglars, que sai do seu camarote e que lhe dará todas as informações que desejar. Quanto a mim, tenho de vigiar a ancoragem e de pôr o navio de luto.

O armador não esperou que lho dissessem duas vezes. Agarrou o cabo que lhe deitou Dantès e, com uma destreza que faria inveja a um homem do mar, subiu os degraus fixados no bojo do navio, enquanto o jovem, reassumindo o seu lugar de imediato, cedia a palavra àquele que anunciara sob o nome de Danglars e que, saindo

do seu camarote, avançava efectivamente ao encontro do armador.

O recém-chegado era um homem de vinte e cinco a vinte e seis anos, de expressão bastante sombria, obsequioso para com os superiores e insolente para com os subordinados. Por isso, além do cargo de guarda-livros, sempre motivo de repulsa para os marinheiros, era geralmente tão malvisto pela tripulação quanto, pelo contrário, Edmond Dantès era estimado.

- Então, Sr. Morrel - disse Danglars -, já sabe a desgraça que nos aconteceu, não é verdade?

- Sei, sei. Pobre comandante Leclère! Era um excelente e digno homem!

- E um bom marinheiro, sobretudo, envelhecido entre o céu e o mar, como convém a um homem encarregado dos interesses de uma casa tão importante como a casa Morrel & Filhos - respondeu Danglars.

- Mas - disse o armador, seguindo com a vista Dantès, que procurava o seu ancoradouro -, mas parece-me que não é necessário ser tão velho marinheiro como você diz, Danglars, para um homem saber do seu ofício. Aí está o nosso amigo Edmond que me parece saber do seu como um homem que não necessita de pedir conselhos a ninguém.

- Sim - redarguiu Danglars, deitando a Dantès um olhar oblíquo onde brilhou um relâmpago de ódio -, sim, é novo e por isso julga-se capaz de tudo. Mal o comandante morreu assumiu o comando sem consultar ninguém e fez-nos perder dia e meio na ilha de Elba, em vez de rumar directamente para Marselha.

- Quanto a tomar o comando do navio - disse o armador - era o seu dever como imediato; quanto a perder dia e meio na ilha de Elba fez mal; a menos que o navio tenha tido necessidade de reparar alguma avaria.

- O navio estava tão bem como eu estou e como desejo que esteja o Sr. Morrel. Esse dia e meio foi perdido por puro capricho, pelo prazer de ir a terra e mais nada.

- Dantès - disse o armador virando-se para o rapaz -, chegue aqui.

- Perdão, senhor - respondeu Dantès -, irei dentro de um instante.

Depois, dirigindo-se à tripulação:

- Ancorar!

A âncora caiu imediatamente e a corrente deslizou com ruído. Apesar da presença do piloto, Dantès manteve-se no seu posto até esta última manobra estar concluída. Depois:

- Descer a flâmula a meio mastro, pôr a bandeira a meia haste e cruzar as vergas!

- Como vê - disse Danglars -, já se julga comandante, como acabo de lhe dizer.

- E é-o de facto - redarguiu o armador.

- Sim, caso tenha o seu acordo e o do seu sócio, Sr. Morrel.

- E porque lhe não daríamos o lugar? - replicou o armador. - É novo, bem sei, mas parece-me capaz de desempenhar perfeitamente o cargo.

Passou uma nuvem pela testa de Danglars.

- Perdão, Sr. Morrel - disse Dantès, aproximando-se. - Agora que o navio já está ancorado, estou às suas ordens. Chamou-me, não é verdade?

Danglars deu um passo atrás.

- Queria perguntar-lhe por que motivo se detiveram na ilha de Elba - respondeu Morrel.

- Ignoro-o, senhor. Cumpri apenas a última ordem do comandante Leclère, que ao morrer me entregou um pacote para o grande marechal Bertrand.

- Viu-o, portanto, Edmond?

- Quem?

- O grande marechal.

- Vi.

Morrel olhou à sua volta e puxou Dantès à parte.

- E como está o imperador? - perguntou vivamente.

- Bem, tanto quanto me foi dado julgar pelos meus olhos.

- Quer dizer que também viu o imperador?

- Entrou em casa do marechal quando lá me encontrava.

- E você falou-lhe?

- Bom, quem me falou foi ele, senhor - respondeu Dantès, sorrindo.

- E que lhe disse?

- Interrogou-me acerca do navio, de quando partia para Marselha, da rota seguida e da carga que transportava. Creio que se estivesse vazio e fosse meu a sua intenção seria comprá-lo. Mas disse-lhe que não passava de um simples imediato e que o navio pertencia à casa Morrel & Filhos. «Ah! Ah!, conheço-a!, exclamou. «Os Morrels são armadores de pais para filhos e houve um Morrel que serviu no mesmo regimento que eu quando estive de guarnição em Valence.»

- Por Deus, é verdade! - exclamou o armador, contentíssimo. - Era Policar Morrel, meu tio, que foi capitão. Dantès, se disser ao meu tio que o imperador se lembrou dele, verá como o velho resmungão desata a chorar. Pronto, pronto - prosseguiu o armador, batendo amistosamente no ombro do rapaz -, fez bem, Dantès, em seguir as instruções do comandante Leclère e escalar a ilha de Elba, embora se se soubesse que entregou um pacote, ao marechal e conversou com o imperador, isso o pudesse comprometer.

- Em que quer o senhor que isso me comprometa - redarguiu Dantès

- se nem sequer sei o que continha o pacote e o imperador só me interrogou acerca de coisas que perguntaria ao primeiro que lhe aparecesse? Mas, perdão - prosseguiu Dantès -, aí estão a sanidade e a alfândega. Dá-me licença, não é verdade?

- Claro, claro, meu caro Dantès.

O jovem afastou-se e, como ele se afastasse, Danglars tornou a aproximar-se.

- Então, parece que lhe deu boas razões acerca da sua escala em Porto Ferraiio...

- Excelentes, meu caro Sr. Danglars.

- Ah, tanto melhor! - exclamou este. - Porque é sempre desagradável ver um companheiro não cumprir o seu dever.

- Dantès cumpriu o seu - respondeu o armador - e não há nada a dizer.

- A propósito do comandante Leclère, não lhe entregou uma carta dele?

- Quem?

- Dantès.

- A mim, não! Quer dizer que havia uma carta?

- Julgava que, além do pacote, o comandante Leclère lhe confiara uma carta.

- De que pacote fala, Danglars?

- Daquele que Dantès entregou ao passar por Porto Ferraiio.

- Como sabe que tinha de entregar um pacote em Porto Ferraiio?

Danglars corou.

- Passava diante da porta do comandante, que estava entreaberta, e vi-o entregar o pacote e a carta a Dantès.

- Não me disse nada a esse respeito - redarguiu o armador mas se tem essa carta entregar-ma-á.

Danglars reflectiu um instante.

- Nesse caso, Sr. Morrel, peço-lhe que não diga nada disto a Dantès. Provavelmente, enganei-me

Neste momento o jovem regressava. Danglars afastou-se.

- Então, meu caro Dantès, já está livre? - perguntou o armador.

- Estou, sim, senhor.

- Não demorou muito tempo.

- Pois não. Entreguei aos funcionários da Alfândega a lista das nossas mercadorias, e quanto à sanidade mandara com o piloto um homem a quem entreguei os nossos documentos.

- Então já não tem mais nada que fazer aqui?

Dantès deitou um olhar rápido à sua volta.

- Não, está tudo em ordem - respondeu.

- Nesse caso, pode vir jantar connosco?

- Desculpe-me, Sr. Morrel, desculpe-me, peço-lhe, mas devo a minha primeira visita a meu pai. Mas nem por isso fico menos reconhecido pela honra que me concede.

- É justo, Dantès, é justo. Sei que é um bom filho.

- E... sabe se ele está bem... o meu pai? - perguntou Dantès, com certa hesitação.

- Creio que sim, meu caro Edmond, embora o não tenha visto.

- Sim, gosta de estar fechado no seu quartito.

- O que prova, pelo menos, que não lhe faltou nada durante a sua ausência.

Dantès sorriu.

- Meu pai é orgulhoso, senhor. Mesmo que lhe faltasse tudo duvido que pedisse qualquer coisa a quem quer que fosse no mundo, excepto a Deus.

- Bom, depois dessa primeira visita contamos consigo.

- Desculpe-me novamente, Sr. Morrel, mas depois desta primeira visita tenho uma segunda que me não é menos grata ao coração.

- Ah, é verdade, Dantès? Esquecia-me de que há nos Catalães alguém que o deve esperar com não menos impaciência do que o seu pai: a bela Mercédès.

Dantès sorriu.

- Ah, ah! - exclamou o armador. - Agora já me não admira que ela tenha vindo três vezes pedir-me notícias do Pharaon. Apre, Edmond, escusa de se queixar, tem ali uma bonita amante!

- Não é minha amante, senhor - observou gravemente o jovem marinheiro -, é minha noiva.

- É tudo a mesma coisa - comentou o armador, rindo.

- Mas não para nós, senhor - respondeu Dantès.

- Pronto, pronto, meu caro Edmond - prosseguiu o armador - não o retenho mais. Cuidou tão bem dos meus negócios que merece

que
lhe dê todo o tempo de que precisar para tratar dos seus.
Precisa
de dinheiro?

- Não, senhor. Tenho todos os meus vencimentos de viagem, isto é, perto de três meses de soldo.

- Você é um rapaz ajuizado, Edmond.

- Acrescente que tenho um pai pobre, Sr. Morrel.

- Sim, sim, sei que é um bom filho. Pronto, vá ver o seu pai. Também tenho um filho e levaria muito a mal a quem, depois de uma
viagem de três meses, o retivesse longe de mim.

- Nesse caso, se me dá licença... - disse o jovem cumprimentando.

- Dou, se não tem mais nada a dizer-me.

- Não.

- O comandante Leclère não lhe deu, ao morrer, uma carta para mim?

- Foi-lhe impossível escrever, senhor. Mas isso recorda-me que desejo pedir-lhe quinze dias de licença.

- Para se casar?

- Primeiro; depois para ir a Paris.

- Pois sim, pois sim, tome o tempo que quiser, Dantès.
Levaremos

bem seis semanas a descarregar o navio e não voltaremos ao mar antes de três meses... Mas daqui a três meses tem de estar de volta. O Pharaon - continuou o armador, batendo no ombro do jovem marinheiro - não poderia partir sem o seu comandante.

- Sem o seu comandante! - exclamou Dantès, com os olhos brilhantes de alegria. - Veja bem o que diz, senhor, pois acaba
de corresponder às mais secretas esperanças do meu coração.
Será
sua intenção nomear-me comandante do Pharaon?

- Se fosse sozinho, estender-lhe-ia a mão, meu caro Dantès, e dir-lhe-ia: «Está feito.» Mas tenho um sócio e você conhece o provérbio italiano: «Che a compàgno a padróne.» Mas pelo menos
metade do caminho está andado, porque de dois votos já pode contar com um. Confie em mim para obter o outro.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

